

CELEBRIDADES E O DIREITO DE ENVELHECER: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O EPISÓDIO BETTY FARIA

Sheila Dinnah Souza da Silva Alvarenga¹

Josimey Costa da Silva²

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE sheilinhadsouzas@gmail.com

RESUMO:

O presente trabalho problematiza o envelhecimento das celebridades, a cobrança da mídia e da sociedade, de modo geral, para a manutenção de corpos eternamente jovens, belos e ativos. Buscamos uma reflexão crítica sobre de que forma a imagem do envelhecimento denunciada pelo corpo velho e enrugado de atriz brasileira Betty Faria, que usou biquíni para ir à praia aos 70 anos de idade e, por já ter sido considerada como padrão de beleza no país, causou incômodos expressos midiaticamente a vários setores da sociedade contemporânea, que busca a eterna juventude e não admite a passagem do tempo, sobretudo para os famosos.

Palavras-chave: Envelhecimento, Celebridade, Beleza, Juventud.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFRN.

² Doutora e docente-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, ambos da UFRN.

INTRODUÇÃO

Devemos pensar o envelhecimento considerando-o em seus mais variados aspectos, tais como: o cronológico, o social, o psicológico e o biológico. Assim, a idade cronológica é marcada pela data de nascimento. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU) que considera como idoso, pessoas com mais de 65 anos, em países desenvolvidos e pessoas como mais de 60 anos, em países em desenvolvimento. Já a idade biológica é determinada por fatores genéticos e ambientais, referindo-se a alterações fisiológicas, anatômicas, hormonais e bioquímicas. A idade social diz respeito a normas, crenças e ideais sociais. E a idade psicológica tem relação com os posicionamentos subjetivos e os recursos psíquicos que os sujeitos desenvolvem em sua trajetória de vida.

Do mesmo modo, o envelhecimento do corpo é também determinado por diferentes fatores: sociais, psicológicos e biológicos. O presente artigo visa elaborar uma reflexão crítica com relação ao envelhecimento das celebridades, a cobrança da mídia e da sociedade de modo geral, para a manutenção de corpos eternamente jovens, belos e ativos. Buscaremos uma reflexão sobre de que forma a imagem do envelhecimento denunciada pelo corpo velho e enrugado de uma atriz, que ousou ir de biquíni a praia no alto de seus 70 anos e, que já foi considerada padrão de beleza no país, causou incômodos na sociedade contemporânea que busca a eterna juventude e não admite a passagem do tempo, sobretudo para os famosos.

METODOLOGIA

O trabalho em tela trata de um estudo de caso. De acordo com Yin (2001 apud DUARTE e BARRROS, 2005) o estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto de vida real e é mais adequado a resolução de questão do tipo “como” e “por que”.

No entendimento de Wimmer (apud DUARTE e BARRROS, 2005) uma característica essencial ao método de estudo de caso é o fato do estudo se centrar em uma situação, acontecimento, programa ou fenômeno particular sendo considerada uma ótima via de análise prática de problemas da vida real.

O caso da atriz Betty Faria é apenas um dos muitos casos similares em que uma celebridade é duramente criticada por sua aparência na velhice.

O EPISÓDIO BETTY FARIA



Fonte: site da revista Quem, fevereiro de 2013.

Em fevereiro de 2013, a atriz Betty Faria foi fotografada de biquíni em uma praia carioca aos 71 anos³. As fotos divulgadas no site da revista Quem causaram grande polêmica na televisão e na internet. Comentários com relação ao corpo envelhecido da atriz e de sua roupa inapropriada para idade bombardearam matérias em blogs, no próprio site da revista e tiveram forte repercussão em programas de televisão que tratam a vida das celebridades, como também nas mais variadas redes sociais.

Em entrevista ao jornal “O Globo” logo após a polêmica a atriz declarou:

Pude viver momentos de beleza, não tenho mais, mas não é por isso que não vou poder ir à praia de biquíni. Não sou ressentida, posei três vezes para a “Playboy” e tenho o direito de ficar velha. Se não

³ Matéria disponível em: <http://revistaquem.globo.com/QUEMNews/noticia/2013/02/betty-faria-usa-biquini-em-praia-carioca.html>

gosta, não publica, não olha, deleta, vai a m... Fiquei com raiva porque me arrasaram⁴



Após a polêmica, em julho do mesmo ano, a atriz foi novamente flagrada na praia, mas dessa vez de maíô. Em entrevista a revista “LOLA”, citada pelo site Ego, a atriz se manifestou sobre os comentários feitos sobre suas fotos de biquíni: “Velha baranga, dissituada, sem espelho, e outras ofensas que, passada a raiva, me fizeram pensar na burca. Então querem que eu vá à praia de burca, que eu me esconda, que me envergonhe de ter envelhecido? E a minha liberdade?”.⁵

Elisabeth Maria Silva Faria, mais conhecida como Betty Faria, nasceu em 8 de maio de 1941 na cidade do Rio de Janeiro. Filha única de uma dona de casa e de um general do exército estudou balé clássico, moderno e jazz. Começou sua vida profissional no corpo de baile de programas de televisão e em apresentações como vedete nos shows de Carlos Machado.

Nos anos 1960 participou de trabalhos, estudos de peças e oficinas de atores, estreando como atriz em 1965, no teatro, na peça Os inocentes do Leblon. Em 1966, fundou com Cláudio Marzo, seu futuro marido, e Antônio Pedro, o Teatro Carioca de Arte. Seus primeiros trabalhos na Globo foram em 1965 no programa musical Dick & Betty 17, com Dick Farney, e Alô Dolly, produzidos por Carlos Miele e Ronaldo Bôscoli.

Como atriz de televisão, estreou na TV Rio, a novela Acorrentados em 1969, de Janete Clair, dirigida por Daniel Filho, que mais tarde se tornaria seu segundo marido. Em 1969 ainda, foi contratada pela Globo para participar da novela A última valsa. Fez ainda a Rosa rebelde e Véu de noiva.

A atriz participou de diversas novelas até que no final da década de 1970, deu um intervalo em seu trabalho de atriz para apresentar o programa musical Brasil Pandeiro. Voltou as novelas em 1980, tendo feito vários papéis. Em 1986, trabalhou no filme de Carlos Reichenbach Anjos do Arrabalde, sua atuação lhe rendeu o prêmio de melhor atriz no Festival de Gramado em 1987. Participou de outros filmes até que em 1988 ganhou os prêmios de melhor atriz pela sua

⁴ Matéria disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/holofote/2014/02/23/aos-72-anos-betty-faria-desabafa-tenho-direito-de-ficar-velha-se-nao-gosta-vai-a/?topo=52,2,18,186,77>

⁵ Matéria disponível em: <http://ego.globo.com/praias/noticia/2013/07/apos-polemica-sobre-biquini-betty-faria-vai-praias-de-maio.html>

atuação no filme Romance da Empregada de Bruno Barreto, no Festival de Huelva (Espanha).

Em 1989 atuou em duas novelas seguidas no mesmo horário, fato raro na Globo: O Salvador da Pátria e Tieta, adaptada da obra de Jorge Amado, na qual fez a personagem principal, sua personagem de maior sucesso. A repercussão da novela foi tão grande que a atriz lançou uma linha de roupas Tieta by Betty Faria. Além disso, Tieta foi a primeira novela da rede Globo a ser exibida no México, centro dos “dramalhões” televisivos. Nos anos seguintes a atriz continuou sua vasta carreira bem sucedida tanto no cinema, no teatro e na televisão, sendo um dos ícones de sua geração⁶.

CORPO E ENVELHCIMENTO

O modo como se encara a velhice está intimamente relacionado com as aspirações da vida moderna a um corpo perfeito. A ideia de que o corpo é uma máquina com a necessidade de aperfeiçoamento em tempo integral, evitando suas falhas faz com que frequentemente a velhice esteja associada à incapacidade ou defasagem em nossa sociedade guiada pelo consumo. O envelhecimento do corpo torna-se um entrave ao bom desempenho procurado pelos sujeitos. Assim, o corpo transforma-se em mercadoria e a passagem do tempo torna o corpo uma mercadoria defeituosa, imperfeita, improdutiva e ultrapassada. Por isso é preciso que se recorra a processos que evitem, ou pelo menos atrasem, os efeitos do tempo (BAUMAN, 2008)

Lipovetsky (1989) ressalta que o corpo passa a ser objeto de culto uma vez que transforma a própria percepção sobre o corpo através da preocupação para evitar o processo de envelhecimento. As frustrações com o processo natural e contínuo de envelhecimento provoca a busca das mais variadas estratégias como a reciclagem cirúrgica, desportiva e dietética. O autor enfatiza ainda que

⁶ Bibliografia adaptada. Bibliografia completa disponível em:
<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/betty-faria/trajetoria.htm>



o moderno medo de envelhecer e de morrer é um elemento constitutivo do neo narcisismo; o desinteresse pelas gerações futuras intensifica a angústia da morte, enquanto que a degradação das condições de existência das pessoas idosas e a necessidade permanente de valorização, de ser admirado pela beleza, pelo encanto, pela celebridade, tornam a perspectiva do envelhecimento intolerável... (LIPOVETSKY, 1989, p. 58).

Cabe ressaltar que em uma sociedade individualista a tarefa de manter-se jovem e ser imortal é um processo individual, cabe a cada um assumir essa responsabilidade por si mesmo. A ciência e a tecnologia são apenas ferramentas para auxiliar nesse processo. O julgamento feito a uma atriz, outrora jovem e sensual, por estar velha e ainda se expor em uma praia de biquíni, lugar em que corpos jovens e saudáveis se exibem, é prova dessa responsabilização do indivíduo por manter-se jovem. Betty se permitiu envelhecer e ainda ousou se mostrar velha.

O discurso midiático e político nos prega que tornar-se velho não significa necessariamente que se deva envelhecer. Nesse sentido Bauman (2008, p. 75) é incisivo ao afirmar que “Fazer de si mesmo uma mercadoria vendável é um trabalho do tipo faça você mesmo e um dever individual. Observamos: fazer de si mesmo, não apenas tornar-se, é o desafio e a tarefa a ser cumprida”.

Conforme entendimento de Lipovetsky o interesse individual de conservar-se é parte do processo de personalização que produz uma existência fundamentada em uma subjetividade sem finalidade ou sentido. O autor pondera ainda que:

A personalização do corpo mobiliza o imperativo da juventude, a luta contra a adversidade temporal, o combate tendo em vista a identidade a conservar sem hiato nem desgaste. Continuar jovem, não envelhecer: é o mesmo imperativo de funcionalidade pura, o mesmo imperativo de reciclagem, o mesmo imperativo de dessubstancialização, espiando os estigmas do tempo a fim de dissolver as heterogeneidades da idade (LIPOVETSKY, 1989, p. 58-9).

Para o autor a medicina estimula a medicalização da vida e o indivíduo responde com a parte que lhe cabe, ou seja, busca a otimização da saúde através da autovigilância e de práticas tecnocientíficas. Esse processo é pouco prazeroso uma vez que se fundamenta na culpa, no monitoramento da saúde e na vigilância. Há um declínio da cultura do *carpe diem*: “sob a pressão exercida pelas normas de prevenção e de saúde, o que predomina é não tanto a plenitude do instante quanto um presente dividido, apreensivo, assombrado pelos vírus e pelos estragos da passagem do tempo” (LIPOVETSKY, 2004, p. 73).

Sibilia (2010) considera que o cultivo da própria imagem é parte integrante da constituição da identidade e passa, necessariamente, pelo reconhecimento do outro. Se busca dominar a carnalidade incômoda, imperfeita e sujeita a ação do tempo por meio das mais variadas técnicas que prometem milagrosamente suprir a necessidade de alta performance em estado de visibilidade permanente. E diz mais:

Tudo para delinear um corpo elaborado como uma imagem lisa e pura, um modelo corporal insuflado pelo horizonte digitalizante que norteia a nossa cultura. Isto é, um corpo icônico, desprovido de qualquer mácula ou defeito, uma silhueta desenhada exclusivamente para o consumo visual (SIBILIA, 2010, p. 205).

A mídia responsabiliza-nos a todo momento, dando nos fórmulas individuais de como viver mais e melhor, sem envelhecer, retardando os efeitos do tempo através da adoção de valores e hábitos saudáveis, ou seja, são nossas escolhas individuais que definem quem seremos no futuro. Nossa derrota ou vitória sobre o tempo depende de nós mesmos. A atriz Betty Faria ao se permitir exibir os efeitos da idade mostrou que até uma atriz global, com dinheiro e acesso as tecnologias anti-envelhecimento pode ser derrotada pelo tempo e nos expôs nossa própria limitação.

A reação da atriz de sentir raiva e chegar cogitar o uso de burca para ir a praia é corroborada na fala de Bauman que nos diz:

Bombardeados de todos os lados por sugestões de que precisam se equipar com um ou outro produto fornecido pelas lojas se quiserem ter a capacidade de alcançar e manter a posição social que desejam, desempenhar suas obrigações sociais e proteger a auto-estima – assim como serem vistos e reconhecidos por fazerem tudo isso –, consumidores de ambos os sexos, todas as idades e posições sociais irão sentir-se inadequados, deficientes e abaixo do padrão a não ser que respondam com prontidão a esses apelos (BAUMAN, 2008, p. 74).

O sentimento de ser suscetível ao perigo que gera insegurança e vulnerabilidade é o que Bauman chama de medo social. O medo de não corresponder aos padrões é o medo de ser rejeitado, de ficar velho, de perder a utilidade e, por fim, o medo da morte. Os medos sociais, culturalmente reciclados que orientam comportamentos, modelam percepções, criando expectativas ou frustrações está por trás de cada promessa milagrosa da tecnociência tão amplamente cultivada e vendida pela cultura de mídia.

Mas é importante observar o outro lado da moeda. Concomitantemente a pregação de uma atitude individualista quanto ao corpo no que diz respeito ao domínio sobre a saúde, a beleza e a idade, temos uma limitação dos sujeitos diante das opções que lhes são oferecidas. Lipovetsky (2007, p. 57) ressalta que “quanto mais é reivindicado o pleno poder sobre sua vida, mais se espalham novas formas de sujeição dos indivíduos”.

Deleuze (1992) considera que nas chamadas sociedades de controle⁷ é o convencimento contínuo sobre as ações do indivíduo que o faz internalizar como iniciativa própria atitudes moduladas por padrões desenvolvidos pela sociedade de controle. O corpo ⁸apresentado como propriedade torna-se uma responsabilidade pessoal para o bem social.

⁷ Sociedades de controle: se constituem em regimes apoiados nas tecnologias eletrônicas e digitais de tal forma que toda a organização social está fundamentada no capitalismo mais sofisticado contemporaneamente. Esse capitalismo se caracteriza pela superprodução e pelo consumo exacerbado, no qual vigoram os serviços e os fluxos de finanças globais.

⁸ As transformações, que atingem âmbitos sociais, econômicos, culturais e políticos, alteram também os tipos de corpos que são produzidos cotidianamente, bem como as formas de ser e estar no mundo que são aceitáveis ou possíveis dentro desses universos.

A CELEBRIDADE

Rojec (2008, p. 11) conceitua celebridade como sendo a “atribuição de status glamouroso ou notório a um indivíduo dentro da esfera pública”. Diferencia glamour de notoriedade associando glamour a um reconhecimento público favorável, enquanto a notoriedade diz respeito a um reconhecimento público desfavorável. A celebridade para o autor causa impacto sobre a consciência pública e isso se dá pelo modo como se constrói a vida pública.

A mídia determina esse idioma, embora o conteúdo continue sendo uma questão de intercâmbio político e ideológico. A programação de emoções, a apresentação do eu nas relações interpessoais e técnicas de administração da impressão pública, que empregam celebridades de mídia para humanizá-las e dramatizá-las, permeiam os relacionamentos comuns (ROJEC, 2008, p. 12).

Ainda de acordo com o autor celebridades são fabricações culturais. A cultura da celebridade desempenha importante função integradora na sociedade secular. A cultura da celebridade está intrinsecamente associada à cultura da mercadoria uma vez que o mercado transformou o rosto público da celebridade em bem de consumo, ou seja, a celebridade é responsável pela humanização do processo de consumo de mercadorias. Para Rojec (2008, p. 17) “a maioria das celebridades alimenta o mundo cotidiano com padrões honráveis de atração que encorajam as pessoas a imitá-las, o que ajuda a cimentar e unificar a sociedade”.

Sobre as celebridades repousa sempre a expectativa de um corpo sexy, jovem e belo, sempre apto a ser usado como capital. Mary Russo (2000, p. 79) ressalta que o corpo velho precisa ser escondido, retocado, reformulado

O corpo grotesco é o corpo aberto, que se projeta, ampliado, secretante, o corpo do vir-a-ser, do processo e da mudança. O corpo grotesco se opõe ao corpo clássico que é monumental, estático, fechado e liso, correspondente às aspirações do individualismo burguês. O corpo grotesco é o resto do mundo.

A aliança entre mídia, tecnociência e mercado instaura o corpo feminino como elemento da cultura. Seu sistema de produção discursiva se fundamenta na ideologia de que o corpo jovem é um valioso capital e no fato de que a passagem do tempo é prejudicial para a mulher (GOLDENBERG, 2007). A feminilidade moderna segundo Gill (2007, p. 91), “é definida na propaganda e em toda a mídia como a posse de um corpo jovem, forte, heterossexual e sexy”.

À celebridade, sobretudo à mulher, é proibido o envelhecimento, uma vez que o corpo feminino é resultado de políticas e estratégias mercadológicas que determinam a gestão dos corpos. De acordo com Lana (2012, p. 125) “A busca pela beleza por meio dos produtos cosméticos, que orienta a constituição das imagens das mulheres na mídia desde as suas primeiras aparições, reforça a prioridade da aparência para a performance pública feminina”.

Se a imagem é importante para constituição das subjetividades na contemporaneidade apresentar sinais de envelhecimento torna-se um gesto obsceno por parte das celebridades femininas, seu corpo é inadequado e grotesco e assim, ao aparecer envelhecida Betty Faria mostrou-se ofensiva para a sociedade tendo sido bombardeada por críticas pelo público. Ela fracassou em seu dever de atenuar os efeitos do tempo.

Morin (1989, p. 27) corrobora essa concepção ao afirmar que “A atriz que se torna estrela tira proveito dos poderes divinizadores do amor, mas traz também um capital: um corpo e um rosto adoráveis.” Segundo ele “a beleza não é uma característica secundária, mas essencial à estrela.” Assim, “o *star system* quer beleza”.

O autor vai ainda mais adianta ao associar a questão da juventude com o capital do corpo feminino.

A exigência da beleza é simultaneamente exigência de juventude. [...] No cinema, até 1940, a idade média das estrelas femininas era de 20-25 anos, em Hollywood. Suas carreiras eram mais breves que as dos homens, que podiam não envelhecer, mas amadurecer até atingir a idade sedutora ideal.

Desde então os institutos de beleza se dedicam com cada vez mais eficácia ao rejuvenescimento: eliminam as rugas, restituem ao rosto seu frescor juvenil. A juventude deixa de ter idade.

[...] Mas um dia as rugas e marcas do tempo, atenuados sem cessar pelos institutos de beleza, se tornam indisfarçáveis. A estrela trava seu último combate para então se decidir por estar apaixonada, isto é, jovem, e bela, isto é, estrela. Ou então virá o eclipse. Nesse caso, envelhecerá em silêncio, secretamente, para que sua imagem permaneça jovem.

Desse modo, para a mulher o processo de envelhecimento constitui uma problemática uma vez que rompe com os paradigmas estéticos contemporâneos ocidentais. São características inerentes da juventude a beleza, a normalidade e o sucesso, e conseqüentemente, a celebridade feminina carrega o interdito aos sinais do tempo em seu corpo.

Cabe ressaltar ainda que o envelhecimento masculino recebe outra carga de significados, o homem amadurecido se torna sedutor, charmoso, galã experiente. O envelhecimento, não só é uma questão de gênero, todavia, nesta fase da vida, as desigualdades entre homens e mulheres mostra uma de suas facetas mais perversas: “a velhice”. Sontag (1987) corrobora essa ideia ao afirmar que o processo de envelhecimento nas mulheres é mais desgostoso e vergonhoso, pois aos homens a sociedade permite envelhecer de diferentes formas e sem penalidades.

Nesse contexto, o corpo envelhecido deve ser escondido, modificado (através de intervenções cirúrgicas ou de programas de edição de fotografias) e conformado (dentro dos padrões de juventude e beleza, ou com a vestimenta adequada a idade) para sobreviver e funcionar na atual sociedade moderna.

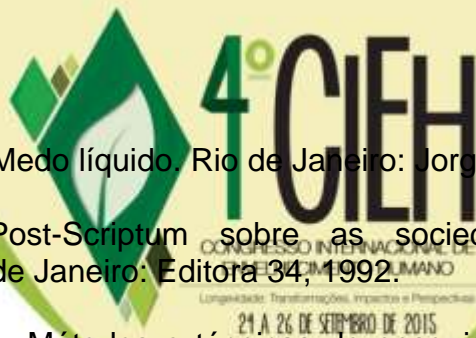
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aparição de uma atriz da Rede Globo de Televisão, em idade avançada, numa praia da zona sul carioca, trajando roupas de banho consideradas inadequadas para sua idade e toda a polêmica engendrada com tal gesto demonstra-nos que se a celebridade feminina ostenta traços visíveis do envelhecimento põe em prática uma nova forma de indisciplina ao se expor na esfera pública. Como observado em muitos comentários dos internautas existiam trajes mais apropriados e menos escandalosos para serem usados por Betty Faria que diminuíram a agressão que seu corpo velho engendrou aos olhos do público. A abordagem negativa da mídia nega, não apenas a Betty, mas as celebridades femininas de um modo geral, o direito de envelhecer.

O perigo do corpo velho e grotesco, que rompe os paradigmas impostos pela mídia, está justamente em sua exposição que ofende e agride os olhos do público que anseiam por beleza e juventude. A falta de beleza e de juventude é o fracasso da luta do corpo contra o tempo. É a falha da tecnociência e do mercado da beleza. Se até uma celebridade, com dinheiro e acesso a essas ferramentas falha, o que pode ocorrer com as pessoas comuns e anônimas com relação ao envelhecimento? É essa reflexão inconsciente que assusta os mortais. Se aquele em quem eu me espelho falha, provavelmente eu também não obterei êxito e terei que aceitar as limitações do meu próprio corpo, da minha própria beleza e de minha própria juventude como algo passível de ter fim.

BIBLIOGRAFIA

Bauman, Zygmunt. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.



- Bauman, Zygmunt. Medo líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- Deleuze, Gilles. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- Duarte, J. Barros, A. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.
- Gill, R. Gender and Media. New Hampshire: Polity Press, 2007.
- Goldenberg, M. (Org.). O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2007.
- Lana, L. C. de C. Personagens públicas na mídia, personagens públicas em nós: experiências contemporâneas nas trajetórias de Gisele Bündchen e Luciana Gimenez. 2012. 243 f. Tese (doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- Lipovetsky, Gilles. A Era do Vazio. Lisboa: Antropos. 1989.
- Lipovetsky, Gilles. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- Lipovetsky, Gilles. Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Morin, E. As estrelas: mito e sedução no cinema. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- Rojek, C. Celebridade. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- Russo, M. O grotesco feminino. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- Sibilia, Paula. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma. In: FREIRE FILHO, João (org.). Ser feliz hoje: o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- Sontag, S. Mujeres: un doble patrón para envejecer. Santiago: Revista de la Red de Salud de las Mujeres Latinoamericanas y del Caribe, n.1; 1993, p.44-49.